OS PRIMÓRDIOS DO TERMALISMO: OS BALNEÁRIOS CASTREJOS E O SEU POTENCIAL TURISTICO

Maria de Fátima Matos da Silva[1]

Universidade de Portucalense, Portugal

Silva, M.F. Matos da, (2017). Os primórdios do Termalismo: os balneários castrejos e o seu potencial turístico. *Tourism and Hospitality International Journal*, 9(2), 4-28.

[1] Investigadora integrada do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória e do REMIT – Research on Economics, Management and Information Technologies, Universidade Portucalense, Porto, Portugal.

Resumo

Contextualizamos em breve referência a evolução cronológica da cultura castreja da Idade do Ferro, do noroeste peninsular, bem como a dos balneários-sauna. Estes são monumentos com forno, do tipo construção hipogeia, com uma arquitetura original, complexa e, apesar de possuírem alguma uniformidade construtiva, apresentam uma variedade arquitetónica significativa, associada provavelmente a diversos modelos termais. São conhecidos cerca de três dezenas, distribuídos por uma área geográfica que abrange o norte da Galiza e Astúrias e que se prolonga até à margem sul do rio Douro.

A arquitetura complexa destes monumentos organiza-se estruturalmente de forma a possibilitar banhos de água fria e banhos de tipo sauna, efetuados através da produção do vapor, sendo compostos por um átrio e uma antecâmara, ao ar livre e uma câmara e uma fornalha hipogeia, ambas cobertas. As duas áreas são divididas por uma estela tectiforme, monolítica, normalmente ornamentada, que separa uma zona da outra permitindo a entrada por uma pequena abertura em semicírculo – a *pedra formosa*.

A sua funcionalidade gerou, ao longo dos tempos, diversas publicações fruto da grande diversidade interpretativa, sendo a função balnear a mais consensual. Contudo, o papel simbólico que teriam no seio da sociedade da Idade do Ferro permanece envolto em grande misticismo, associado ao culto das águas e à sacralidade do banho purificador medicinal potenciando ainda diversa investigação. Estes monumentos, sem dúvida, os mais antigos balneários desta área geográfica, percursores do termalismo actual, possuem, um grande potencial turístico que urge desenvolver pelo que sugerimos a criação de um roteiro turístico-cultural.

Palavras-chave: balneários castrejos, *pedras formosas*, simbolismo, potencial turístico.

Abstract

We will briefly outline the chronological evolution of the hill fort Iron Age of the north-eastern peninsular, as well as the sauna resorts. These are monuments with an oven, hypogea construction type, with a unique, complex architecture; despite having some constructive uniformity, present a significant architectural variety also associated, probably, with various thermal models. There are about three dozen known saunas spread over the northwest peninsular, a geographical area covering the north of Galicia and Asturias and extending to the south of the Douro River.

The complex architecture of these monuments is structurally organized to allow cold water baths and sauna baths made by steam production, being composed by an outdoor atrium and an antechamber and an indoor camera and a hypogea oven. The two areas are divided by a *tectiforme* stele, monolithic, usually ornamented, and that separates one area from the other, allowing entry through a small opening in a semicircle, known as *beautiful stone*. The functionality of these monuments has generated, through the ages, several publications resulting from a great interpretive diversity, being the most consensual sauna function at present. However, the symbolic role they would have in the Iron Age society of the peninsular Northwest remains enveloped in mysticism, associated with the worship of the waters and the sanctity of the medicinal purifying bath, while also promoting various research. These monuments, undoubtedly the most ancient resorts of this geographical area, precursors of the current thermal baths, still have a great tourist potential that is urgent to develop, so we suggest the creation a touristic-cultural itinerary.

Keywords: Iron Age “castrejos” sauna, *pedra formosa* (beautiful stone), symbolism, tourist potential.

Introdução

Este artigo tem como objectivo principal despertar o interesse por um tipo de monumento arqueológico que deve merecer um maior investimento em termos de estudo, salvaguarda e divulgação. Assim, estes monumentos com forno ou balneários-sauna castrejos são contextualizados no espaço e no tempo, ainda que de forma sucinta, Os balneários-sauna são cronologicamente atribuíveis à fase final da Idade do Ferro do noroeste peninsular, período de apogeu dos grandes povoados que apenas sucede aquando do contacto com os romanos e com a evolução técnica que estes terão facultado, nomeadamente o aperfeiçoamento dos instrumentos de ferro, material muito mais resistente do que os até aí disponibilizados – bronze, ferro forjado. Terá sido o elemento decisivo para o novo tratamento da pedra, em termos de aparelhagem, de decoração e de elaboração de esculturas e, pela primeira vez, permitindo a construção dos balneários com *pedra formosa,* dedicados aos banhos sauna, percursores das termas romanas.

Trata-se de monumentos com forno, do tipo construção hipogeia, com uma arquitectura muito original, complexa e, apesar de possuírem alguma uniformidade construtiva, apresentam uma variedade arquitectónica significativa associada também a diversos modelos termais. São conhecidos cerca de três dezenas, distribuídos pelo noroeste peninsular, numa área geográfica que abrange essencialmente o norte da Galiza e das Astúrias e que se prolonga até à margem sul do rio Douro.

A sua funcionalidade e cronologia gerou ao longo dos tempos, muita e diversa bibliografia sendo a função balnear actualmente a mais consensual. Publicações essas que, por norma, versam a funcionalidade e a cronologia destes monumentos. Contudo, neste artigo, importa-nos, sobretudo, vincar o carácter original da sua arquitectura - sobretudo no que respeita aos balneários da actual área portuguesa -, da sua utilização e da sua simbólica, quer no que respeita ao monumento, quer à decoração das estelas frontais dos monumentos – as *pedras formosas*.

O papel simbólico e cultural que teriam no seio da sociedade castreja da Idade do Ferro continua a suscitar muitas dúvidas. Na nossa perspectiva estão associados ao culto das águas, à sacralidade do banho purificador, provavelmente com fins medicinais e, eventualmente, a rituais iniciáticos. Algumas destas características estão plasmadas nas decorações frontais das *pedras formosas,* cuja mestria dos escultores que as insculpiram, provavelmente itinerantes, tipologia e interpretação simbólica detalhamos ao longo do trabalho de investigação desenvolvido.

Ainda que subsistam dúvidas sobre o que realmente motivou a construção destes balneários-sauna não podemos deixar de os colocar como os primeiros exemplares de balneários termais, inseridos, desta forma, na história do termalismo da península Ibérica. Também por isso, referimo-nos, ainda, às possibilidades da sua fruição como património cultural, relevando a importância dos projectos de valorização de que têm sido alvo e das necessidades que ainda se impõem no sentido da sua salvaguarda e divulgação, propondo, no plano teórico, um roteiro turístico cultural e arqueológico.

Enquadramento Teórico

Contextualização histórica

A cultura castreja do noroeste peninsular é normalmente caracterizada pela existência de povoados fortificados, situados no alto de montes, cronologicamente atribuíveis à Idade do Ferro. Contudo, a sua evolução não decorreu de forma uniforme pelo que a podemos agrupar em diversos modelos evolutivos, variáveis conforme os autores e as regiões (Silva, 1986; Martins, 1990).

Seguindo a nossa perspectiva (Silva, 2008a; 2014; 2015), num primeiro modelo podemos inserir os povoados que surgem, de um modo geral, entre os séculos IX e VII-VI a.C., herdeiros das sociedades do Bronze Final e que que se situam em locais geograficamente proeminentes. Apesar das influências que possam ter sofrido de outras sociedades, evoluíram a partir de uma população autóctone, que foi estabelecendo laços com o ambiente geográfico envolvente, pelo que as actividades agrícolas e pastoris se vão desenvolvendo e facilitando uma sedentarização que conduziria à criação dos povoados ditos castrejos. No fundo, estas comunidades deram continuidade às tradições socioculturais do período anterior, sendo os elementos mais notórios – porque presentes no registo arqueológico – os objectos de bronze, cerâmicas de fabrico manual, entre outros. A tecnologia do ferro é bastante tardia e apenas alcança um florescimento considerável como causa e consequência dos grandes povoados construídos na viragem do milénio sob influências romanas – os quais não existem em toda a área atribuída à implantação da cultura castreja, designadamente na área onde desenvolvemos projectos de investigação – bacia superior do rio Coura (Silva, 1994; 2008a; 2014; 2015).

O segundo modelo inicial registar-se-ia, nesta época, em dualidade com o primeiro, coexistindo os povoados de grande envergadura, que assumiriam um papel influente e centralizador – o designado lugar central – com povoados de menores dimensões que, muito embora dispondo de autonomia e vida própria, desenvolveriam laços estreitos com os primeiros. Essa relação encontrar-se-ia muitas vezes alicerçada nos elementos económicos geridos pelo povoado centralizador, por exemplo, a exploração de minério, que seria comercializado com outros povos, nomeadamente da bacia do Mediterrâneo. Este modelo de interpretação do tipo de povoamento do território parece ser válido sobretudo para os povoados situados no litoral e para os situados nas proximidades de bacias hidrográficas navegáveis, ainda que, outros enquadramentos geográficos permitam também estes tipos de povoamento.

Os povoados periféricos a estas áreas poderiam ter o mesmo tipo de organização de um povoado que desempenhava funções de lugar central, mas teriam sobretudo uma relação que se efectuaria em função das necessidades desenvolvidas por cada sociedade, inserida numa realidade geográfica distinta. Muitos destes povoados, relativamente desenvolvidos, com uma estratificação social baseada nas relações de parentesco, com uma economia de subsistência de tipo comunitário, elegiam um ou outro produto para troca com elementos de outras comunidades.

Com os primeiros sinais da chegada de um povo invasor – os romanos –, os castrejos terão abandonado os seus povoados de destaque na paisagem – os quais dominavam vastas áreas associadas a meios de transporte fluvial -, abandono esse que se terá registado por volta dos séculos III-II a.C. Para este grupo, o modelo evolutivo terminaria aqui. O mesmo deve ter sucedido com os povoados de menores dimensões, mas cuja situação geográfica lhes conferia bastante exposição. Tanto quando se tem apurado não existem balneários-sauna destas cronologias.

Estes povos, eventualmente associados a outros que também se encontrariam em fuga dos romanos – embora, na maior parte dos casos, o abandono tenha sido pacífico –, vão, numa nova organização do território, fundar novos assentamentos, regra geral próximo de áreas vivenciais anteriores, mas em locais camuflados na paisagem, de preferência com condições naturais de defesa, correspondendo ao segundo modelo de ocupação territorial. Alguns destes povoados, de pequenas dimensões, vão ter uma cronologia ocupacional relativamente reduzida face aos demais, sendo alguns abandonados aquando da chegada de Augusto à península e da consequente pacificação dos povos, para voltarem (ou não) a ser novamente ocupados.

Estes povoados, dispersos por áreas distintas, muito embora possam ser fornecedores de metais ou minério aos romanos, não vão assimilar facilmente os elementos da nova cultura: mantêm a sua forma de vida e não chegam sequer a sofrer alterações significativas após a pacificação. Paulatinamente deslocam o seu modo de vida para o vale, agora em povoações abertas, sem amuralhamentos e misturaram-se com os romanos e construindo cabanas de tipo castrejo, eventualmente porque as técnicas de produção do chamado ferro/aço não estavam suficientemente divulgadas, pelo que apenas em fases posteriores se constrói à maneira romana. Dedicam-se à agricultura, assemelhando-se economicamente ao *modus vivendi* romano, embora mantendo muitas das características autóctones. Outros povoados pré-existentes ou construídos nesta época, sobretudo os que ocupavam áreas geográficas de maior envergadura, vão sofrer grandes alterações urbanísticas, económicas, sociais e culturais resultantes do contacto com os romanos. Desenvolvem as estruturas habitacionais de forma organizada, num proto urbanismo que tende para o agrupamento em núcleos habitacionais. Adoptam um sistema de construção diferente, com cabanas construídas com um aparelho mais elaborado, com ornatos nas padieiras e dintéis, com trísceles vazados. Igualmente a construção de edifícios de carácter comunitário se transforma, com a construção de muralhas aparatosas e, sobretudo, com o provável aparecimento dos balneários-sauna. Em termos económicos, amplia-se a exploração do território desenvolvendo-se uma actividade agrícola de facto. A sociedade complexifica-se, organizando-se segundo um esquema estratificado, no qual certos elementos eram heroicizados, à semelhança romana, como o comprovam as estátuas de guerreiros galaicos. Transformam, deste modo, a sua cultura e os seus traços simbólico-religiosos. Apenas no século II d.C., ou até mais tarde, estes povoados são abandonados, começando então a generalizar-se o tipo de ocupação marcadamente romana, mediante a construção de *vicus* e *villas* adoptando-se diversos elementos romanos, mas, mantendo-se alguma da cultura material anterior.

O desenvolvimento referido destes grandes povoados, ditos de longa duração, só é possível mercê das alterações técnicas introduzidas pelos romanos, por exemplo, na produção de ferramentas de ferro ou na construção arquitectónica.

É, pois, neste enquadramento histórico-geográfico que ocorrem os balneários-sauna cujo modelo construtivo com grandes lajes graníticas designadamente a *pedra formosa,* com decoração lavrada na pedra, apenas é permitida por esta evolução tecnológica e pelo manifesto florescimento da sociedade e economia de finais da Idade do Ferro. Aqueles que têm um tipo construtivo distinto, por exemplo, com pedra solta, poderiam ter sido construídos em épocas anteriores.

É evidente que ainda persistem muitas dúvidas e que cada região terá evoluído de forma relativamente diferente. Contudo, esta diversidade não só constitui um aliciante para a continuidade das investigações, como é caracterizadora de uma sociedade que,

apesar da diversidade, possui elementos de semelhança e de unidade que fazem com que seja enquadrada numa mesma cultura – a Cultura Castreja. Conseguiu, inclusivamente, criar nos povos invasores uma nova forma de coexistir com os povos autóctones, adaptando-se à realidade existente e introduzindo paulatinamente transformações sem grandes atritos. A coexistência de dois tipos de balneário um de tipo hipogeu, escavado na rocha, de lavra castreja, ao lado das termas romanas de Tongobriga, no Marco de Canaveses, é uma evidente manifestação de respeito pelos costumes anteriores e de continuidade destes primórdios do termalismo.

Observa-se, contudo, uma diversidade regional bastante acentuada e testemunhada tanto pelos objectos da vida quotidiana como por determinados indicadores de carácter económico e social. Tal diversidade é comum tanto na Galiza como no norte de Portugal. Verificasse, inclusivamente, que os castros portugueses minhotos constituem uma forte unidade cultural com os seus congéneres galegos mais próximos do rio Minho (sul da Galiza), enquanto que estes, por seu turno, apresentam, geralmente, diferenças marcantes relativamente aos do norte da Galiza (Silva, 2015).

Revisão literária e Metodologia

Com o aparecimento descontextualizado da *Pedra Formosa* I da Citânia de Briteiros, em 1723 (Craesbeck, 1726), várias hipóteses foram colocadas no sentido de responder às questões sobre o seu significado e a sua utilidade. A hipótese mais consensual defendia a posição horizontal da pedra, sendo funcionalmente uma ara de sacrifícios (Sarmento, 1904 e 1879/1933; Cartailhac, 1886; Vasconcelos, 1913). A posição vertical como fachada de capela funerária (Hübner, 1879/1933) era já então proposta ou como "stella funerária" (Silva, 1876: 136).

A real função das *pedras formosas* fica esclarecida com a descoberta do monumento da Citânia de Briteiros, em 1930, mas, novas dúvidas surgem, procurando-se então saber qual a função da estrutura a que estavam associadas. As opiniões podem ser agrupadas "grosso modo" em três hipóteses, a que acrescem outras esporádicas.

As primeiras teorias apontavam para uma funcionalidade relacionada com a de santuário de culto das águas ou apenas santuário (Sarmento, 1881/1933; Lourenzo Fernández, 1948; Jordá Cerdá, 1969) e as segundas para local de cremação de mortos/monumento funerário, tendo este implicações simbólico-religiosas (Vasconcelos, 1913; Cabré, 1922; Ribeiro, 1930-34; Santa-Olalla, 1932; Cardozo, 1931-32, 1934, 1946 e 1949; Lorenzo Fernández, 1948; Garcia y Bellido, 1968; Romero Masiá, 1976; Tranoy, 1981).

A localização nas zonas baixas e limítrofes dos povoados, nas proximidades de linhas de água ou de nascentes determinaram a interpretação funcional destes monumentos, ainda que outros vestígios de carácter arqueológico tenham, naturalmente, contribuído para o comprovar. Assim, o terceiro grupo de teorias interpretativas, actualmente o mais consensual, tomou diversas designações ainda que apontando para funções semelhantes: edifício com função termal, medicinal, balneário-sauna (Conde Valvís, 1955; Chamoso Lamas, 1955; Almeida, 1974 e 1986; Calo Lourido, 1993; Silva, 1983, 1983-84 e 1986; Dias, 1997). A esta função prática acresce a “envolvência de carácter religioso na prática do banho, salutar e purificador, eventualmente traduzido na simbó1ica dos motivos representados (...) e ainda mais quando considerados com qualidades medicinais" (Silva, 1986: 60).

Existem ainda outras interpretações, não sustentadas com evidências arqueológicas, relacionadas com o uso industrial do monumento como matadouro (Azevedo, 1946), forno de fundição de metais (Monteagudo, 1952), forno de cerâmica (Fernández Fuster, 1953) ou forno de panificação (Júnior, 1966; Gómez Tabanera, 1980).

A cronologia destes balneários suscitou também diversas correntes interpretativas variando estas deste a "origem céltica" (Cardozo, 1949: 497) até à época da romanização, "ou até para depois" (Almeida, 1986: 166 e 172).

Após a escavação do balneário de Galegos (Barcelos) foi proposta uma cronologia para a sua construção que aponta para a última fase da cultura castreja (III A [138-136 a. C. a c. 20 a. C.]), mas com utilização em época romana (Silva, 1986: 60). A maioria dos arqueólogos aceita este intervalo de tempo especificando para cada balneário a cronologia mais plausível, naturalmente com base no registo arqueológico que têm perante si.

Actualmente é consensual que terão sido construídos durante a fase final da Idade do Ferro, perdurando a sua utilização após a chegada dos romanos. A situação mais curiosa é a do balneário-sauna do Freixo (Marco de Canaveses) que não terá tido nenhuma influência romana na sua construção, uma vez que existe ao lado o complexo termal romano, datado do séc. I d. C. O castrejo terá sido utilizado até meados do séc. I d. C. (Dias, 1997) e continuou em funções, não sendo substituído pelo romano. A determinada altura terá perdido a sua função primordial e o possível carácter religioso passando a ter outra função como a de arrecadação. Tal como referimos anteriormente, em diversas zonas do noroeste peninsular, a romanização tomou características peculiares, uma vez que proporcionou elementos de aculturação aos povos autóctones, formando-se uma nova sociedade que conviveu e adaptou as novidades recém-chegadas conforme as suas necessidades e os desafios que lhe foram colocados.

Distribuição Geográfica do Balneários-sauna

Estes monumentos de arquitectura singular no âmbito da cultura castreja do noroeste peninsular destinados a banhos públicos sobressaem pelo seu aparato e técnica construtiva como monumentos diferentes da arquitectura castreja. Conhecem-se actualmente, pelo menos, referências a trinta e dois exemplares sistematizados, por nós próprios (Silva, 1987) e por outros autores que foram actualizando as diversas descobertas. Catorze estão dispersos na área actualmente espanhola, correspondente ao norte da Galiza e Astúrias e, dezoito exemplares, na área portuguesa que se estende desde o Minho (com a maior concentração) até à margem sul do rio Douro. Alguns dos monumentos referidos oferecem dúvidas sobre a sua real existência por se tratarem de referências antigas, cujos elementos descritivos são escassos, pelos que alguns deles não os mencionamos.

Nas Astúrias conhecem-se nove situados nos povoados fortificados de Coaña - dois balneários, Coaña 1 e 2 - em EI Castelón de Villacondide (Urai Ríu, 1941); Chao Sanmartín de Castro e Monte Castelo de Pelou, ambos em Grandas de Salime (Villa Valdés, 1999); Pendia 1 e 2, em Boal (García Bellido, 1968); Castiellu de Llagú, em Oviedo (Berrocal Rangel; Martínez Seco & Ruíz Triviño, 2002); Os Castros, Taramundi (Villa Valdés; Menéndez Granda, & Fanjul Mosteirin, 2007; Villa Valdés, 2012); e Castro de Cecos, Ibias (Villa Valdés, 2000).

Na Galiza encontraram-se quatro localizados nos povoados de Santa Mariña de Augas Santas. Ourense (Lorenzo Fernández, 1948); de Borneiro, Corunha (García y

Bellido, 1968); de Punta dos Prados, em Espasante, Ortigueira, Coruña (Ramil, 1995-96); e no castro mineiro de Castelón de Castañoso, em A Fonsafrada, Lugo (García Quintela & Santos-Estévez, 2015).

Na província de Castela e León foi estudado um exemplar no Castro de UIaca, Solosancho, ÁviIa (Almagro-Gorbea & Álvarez Sanchís, 1993).

Em território português, a norte do Douro, sabe-se da existência destes balneários nos povoados de Santa Maria de Galegos e Monte da Saia, ambos em Barcelos (Silva, 1986); Sabroso (Cardozo, 1976) e Briteiros (neste povoado existem dois monumentos), ambos em Guimarães (Ribeiro, 1930-34; Cardozo, 1932 e 1946); Sanfins, Paços de Ferreira (Almeida, 1974); Castelo de Vermoim, Famalicão (Cardozo, 1932); Alto das Eiras, ambos em Famalicão (Queiroga & Dinis, 2008-2009 – estes autores consideram tratar-se do mesmo povoado pelo que será apenas um balneário); Freixo, Marco de Canaveses (Dias, 1997); Calvos, Alto das Quintãs, Póvoa de Lanhoso (Dinis 2002); na base do monte de Maximinos, em Braga (Lemos et al., 2003); Roques, em Vila Franca, Viana do Castelo (Silva & Maciel, 2004); Monte Padrão, Santo Tirso (Moreira, 2013) e Eiras, Arcos de Valdevez (Silva & Ferreira, 2016).

A sul do rio Douro conhecem-se referências/vestígios no castro de Monte Murado, Vila Nova de Gaia (Aráujo, 1920); Monte do Castro, Sardoura, Castelo de Paiva (Cardozo 1949); e no castro de Ribalonga, Alijó, Vila Real (Parente 2003).

Na actual área portuguesa pedras formosas conhecidas são apenas onze e uma na Galiza. Em Portugal temos as de Sardoura, Maximinos, Santa Maria de Galegos, Freixo, Sanfins, Castro de Calvos, Castro do Alto das Eiras (a cuja pedra do Castelo de Vermoim também lhe pertenceria), Castro de Eiras (Arcos de Valdevez), Briteiros 1 e Briteiros 2, e a hipótese de Fontalva (García y Bellido, 1968). Por último, Armea, na Galiza. Destas apenas dez (incluindo a hipótese remota de Fontalva) possuem efectivamente decoração, dado que as de Maximinos e Sardoura não apresentam motivos decorativos.

Em termos metodológicos este estudo baseia-se essencialmente na pesquisa bibliográfica e em trabalho de campo. Há alguns anos estudamos e publicámos artigos sobre este tipo de balneários e sobre a decoração arquitectónica castreja (Silva, 1986a e 1987) tendo, novamente, sido realizado o levantamento exaustiva da bibliografia e trabalho de campo - com deslocações a alguns dos povoados onde os balneários se encontram -, tendo sio realizado registo fotográfico e levantamento dos motivos decorativos. Trocaram-se também ideias com arqueólogos no sentido de saber pormenores sobre cada um dos monumentos e o conhecimento actualizado dos mesmos.

Estudo Estrutural, Funcional e Simbólico

Os monumentos com forno ou balneários-sauna da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular possuem um tipo de estrutura e obedecem a uma série de características semelhantes, quer tenham sido construídos em povoados fortificados situados nas Astúrias, quer no Minho, quer na bacia do Douro. Contudo, possuem diferenças que permitem agrupá-los genericamente em núcleos, resultantes da sua situação geográfica e do seu tipo construtivo. Temos genericamente dois grupos, um localizado entre o rio Douro e o rio Minho, e outro, no Norte da Galiza e Astúrias. O tipo de material pétreo utilizado na construção (granito ou xisto) é um elemento marcadamente distintivo desses núcleos, estando, naturalmente, relacionado com a geologia de implantação dos mesmos o que naturalmente ditou a técnica de construção em alvenaria (xisto) ou em

grandes monólitos (granito) que permitiram a construção das *pedras formosas*. Existem ainda estruturas hipogeias, escavadas na rocha, que podemos considerar como um terceiro tipo.

No caso dos edifícios balneário-sauna mais elaborados estes são constituídos por quatro áreas, duas delas cobertas e outras duas ao ar-livre. As estruturas mais simples podem ter apenas duas ou três partes constituintes, sendo comum a todas elas o forno e uma câmara.

Reportando-nos aos monumentos mais completos (Figura 1) podemos referir que estruturalmente são constituídos por um forno, com cobertura em falsa cúpula, normalmente de planta circular, semienterrado, cuja porta, larga, permitia a passagem do calor e das pessoas para um habitáculo rectangular – a câmara. Esta é constituída por um telhado de dois declives, tendo como parede frontal a *pedra formosa*. Seria utilizada para banhos de tipo sauna, por isso, as lajes que a constituem eram polidas e encaixadas. As pedras da entrada eram também polidas uma vez que os utilizadores entravam com as costas nuas, voltadas para baixo, pela pequena entrada da *pedra formosa*. O vapor era produzido pelo lançamento de água em pedras cuja retenção calorífica é mais elevada como o quartzito ou quartzo (podendo, embora, outro tipo de pedras serem utilizadas), que, após aquecidas no forno, eram colocadas na câmara.

As *pedras formosas* possuem formato tectiforme, com um encaixe lateral, e rasgos que permitem o assentamento do telhado. Possuem, ainda, o referido orifício semicircular na parte inferior, com pequenas reentrâncias internas e externas (estas apenas em alguns casos) que auxiliam a entrada na câmara em posição horizontal. A pequenez da abertura ajudava a resguardar o calor que o forno lançava na câmara, podendo ainda ser tapada. A configuração tectiforme deste grande monólito deve-se ao facto de nele assentar a parte final do telhado, de dois declives.

Em frente da *pedra formosa*, posiciona-se a antecâmara e, posteriormente, o átrio que não seriam cobertos. No átrio existia o tanque, a bica e as canalizações para escoar as águas. O tanque seria utilizado para o banho frio, ao ar livre. As paredes e o pavimento eram construídos com grandes monólitos. As paredes laterais do tanque apresentam, por vezes, grande desgaste na parte cimeira provocado, possivelmente, pelo aguçar de instrumentos metálicos como se constatou em Briteiros, Saia e Sanfins.

Estrabão (*Geografia*, III, 3, 6), e parafraseando, referiu que alguns povos que habitavam junto do rio Douro tinham hábitos espartanos na medida em que se untavam com óleo e tomavam banhos de vapor, com pedras aquecidas pelo fogo, e, posteriormente, banhos de água fria. Estes elementos foram, pois, comprovados pelas diversas escavações e estudo da estrutura construtiva destes balneários-sauna.

O fogo no forno ou fornalha "com ventilação pela entrada da câmara e chaminé a activar a combustão, procedia simultaneamente o aquecimento do ambiente e dos seixos rolados e outras pedras aí colocadas, que eram posteriormente trazidas para o interior da câmara e sobre as quais se lançava água fria para produzir o vapor, que aí se continha, funcionando como uma verdadeira estufa. (…) Melhor explicada fica também a função da antecâmara com a existência dos bancos, a indicar uma maior permanência num local com temperaturas moderadas, uma situação intermédia análoga à do *tepidarium* das termas romanas. Os banhos de água fria citados por Estrabão seguir-se-iam aos de vapor como nos banhos romanos (…) tendo lugar no átrio, eventualmente por imersão, nos tanques de água corrente" (Silva & Maciel, 2004: 122-123).

A localização no espaço dos povoados é determinada pela capacidade de captação e escoamento de água. Assim, situavam-se na área periférica dos povoados fortificados,

topograficamente de menor altitude, perto das cinturas de muralhas, em especial, das exteriores, junto às vias de acesso e portas. Estão, pois, sempre associados à água com caleiras que a conduzem do poço, fonte ou nascente, em parte mais alta do povoado, à bica e ao tanque no átrio, que a retém. São construções parcialmente soterradas o que facilitava a canalização da água e a própria conservação do calor no forno e na câmara. Todos os edifícios deste tipo apresentam uma construção bastante cuidada e, em alguns, elementos decorativos que trataremos seguidamente.

A ornamentação da *pedra formosa* adapta-se, no geral, à arquitectura-função desta estela, realçando a sua função arquitectónica, ou seja, a pequena entrada e o apoio que dava ao tecto fronteiro.

A temática decorativa quase não diverge da utilizada na decoração das habitações castrejas. Existe, por vezes, uma maior densidade como no caso específico das estelas 1 de Briteiros, do Alto das Eiras e, provavelmente, do Castro de Calvos em que, para além da decoração tectiforme, há um horror ao vazio e sobretudo uma organização dos motivos distinta, justificada pela diversidade espacial (distribuição dos motivos na estela) e funcional (tradição cultural, simbologia).

A *Pedra Formosa* 1 de Briteiros apresenta uma decoração com saliências horizontais, verticais, oblíquas e ainda circulares, que pela sua disposição dividem-na em seis superfícies ornamentadas. Esta decoração em relevo ocorre igualmente nas estelas do Alto das Eiras e de Calvos. Como decoração linear temos, ainda, as linhas diagonais que se cruzam na zona média lateral e uma espécie de quadriculado ou reticulado central. As linhas cruzadas e semicirculares laterais são a base de toda esta decoração, como se esta *pedra formosa* fosse um compêndio de desenho em que se parte do mais simples para o mais elaborado. Na zona tectiforme ocorre o entrelaçado triangular, muito frequente na decoração de lintéis e dintéis das portas das cabanas desta Citânia de Briteiros. Outro tipo de entrelaçado utilizado, o fechado, ladeando a entrada, tem paralelo na estela do Castro de Calvos.

Na *Pedra Formosa* 2 a decoração é mais simples. O círculo domina esta ornamentação decorativa e também simbólica. Quatro grupos de arcos de circunferência concêntricos, unidos por semicírculos, pequenos círculos e espirais acompanham o contorno da cavidade de entrada. No topo tectiforme, um tríscele, dextrorso, inscrito em dois círculos; outro menor, do lado direito, extrorso; do lado esquerdo, um círculo rebaixado.

Toda esta decoração estaria ligada, talvez, aos astros e à água, estando o tríscele relacionado com o sol, no seu movimento de translação, e o disco com a lua. Reforçando esta ideia existiria na parte externa superior esquerda uma inscrição em caracteres latinos "AVCA" (que actualmente não conseguimos encontrar). Esta inscrição foi interpretada, como uma referência ao rio Ave que passa na base do monte da Citânia de Briteiros (Cardozo, 1931-32). Os símbolos usados no reverso deste monólito identificam-se com o sol e o calor, a vida: três "fossetes", uma cruz equilateral inscrita em círculo, "símbolo solar" (Cardozo, 1931-32: 255) e ainda uma espécie de suástica flamejante geminada (de dois núcleos partem dez raios ondulantes), com algumas semelhanças com a decoração do balneário de Santa Maria de Galegos.

A descoberta da *pedra formosa* do Castro do Alto das Eiras novamente desperta a nossa atenção para a densidade da decoração. Além do cordiforme que remata a entrada da *pedra formosa* de Alto das Eiras existem lateralmente dois motivos cruciformes, oblíquos. Encimando a abertura existem, horizontalmente, três toros, cordiformes, em baixo-relevo. “Temos, assim, uma divisão da face anterior da estela em três zonas – a

inferior dominada pela entrada e as superiores, direita e esquerda. (…). A direita, e mais preenchida, é formada por um motivo decorativo de aspecto lanceolado [também designado entrelaçado triangular, como em Briteiros 1, mas invertido] à esquerda do qual se desenvolvem três bandas verticais de cordado duplo [também designado de postes ou SS duplos] e simétrico entre si. No lado esquerdo repete-se a mesma organização decorativa, reduzindo-se, contudo, em um o número de encordados. Quatro fragmentos decorados, encontrados durante a escavação, pertencem, sem dúvida, à parte amputada da "pedra formosa" (Queiroga & Dinis, 2008-2009: 145). Trata-se de dois trísceles de cinco pontas, um do lado esquerdo e outro do lado direito, um girando à esquerda e outro à direita.

Este balneário teria ainda outras pedras decoradas (cordiforme, "espinha de peixe" e dupla espiral), encontradas em escavação, e ainda faria parte da sua construção e decoração a pedra existente no Museu da Sociedade Martins Sarmento e atribuída ao Castelo de Vermoim (Queiroga & Dinis, 2008-2009). Esta possui um entrelaçado triangular, em que o motivo se sucede várias vezes, na horizontal.

A *pedra formosa* do Castro de Calvos, muito incompleta e fragmentada, apresenta motivos entrelaçados curvilíneos, em oito, horizontais, ladeando a entrada. Um motivo em espinha decora o rebordo lateral direito, precedido por uma decoração em entrelaçado fechado que ladeia, tal como em Briteiros 1, o semicírculo que permitia a entrada na câmara. Vários toros lisos muito relevados e em posições diversas definem diversas molduras.

A estela do balneário do Castro de Eiras, Arcos de Valdevez (Silva & Ferreira, 2016) apresenta uma decoração completamento diferente em termos de técnica de gravação, neste caso por fricção, muito mais ténue, sem aparente organização e significado de difícil interpretação. Os motivos gravados, como gravuras rupestres, desenham espirais que se unem, círculos, linhas e covinhas tendo apenas dois trísceles, dextrorsos, como elemento comum às demais.

A estela do castro de Ribalonga, Pópulo (Alijó, Vila Real) da qual não temos qualquer imagem, teria decoração "constituída por um desenho heliolátrico, com 21 raios dextróginos partindo de uma cavidade central côncava e enquadrada por um círculo externo, uma série de três círculos encadeados e um motivo em espiga na parte inferior" (Parente, 2003: 115).

Uma análise superficial permite concluir que os motivos decorativos utilizados neste tipo de arquitectura não obedecem a cânones artísticos, como no caso das esculturas de guerreiros, ou mesmo, na decoração arquitectónica. Em Briteiros, as duas estelas são completamente diferentes. A *Pedra Formosa* 1 possui um entrelaçado triangular, existente na estela do Alto das Eiras. Os outros elementos, designadamente o quadriculado ou reticulado central não são utilizados, tal como os da *Pedra Formosa* 2, em qualquer outra, salvo na decoração das habitações, com excepção dos trísceles.

O entrelaçado curvilíneo ou encanastrado apresenta-se "estilizado" na trave do monumento de Galegos em que toma uma forma ondulante, representando a água ou o vapor de água, com paralelos no que seria a porta de uma habitação da Cividade de Âncora e também na *pedra formosa* do Castro de Alto das Eiras. O elemento cordiforme, embora com variantes, repete-se, sobrepujando a entrada, das estelas de Sanfins, assemelhando-se a corda dupla, e do Freixo, em pedra móvel, tomando a forma de espinha de peixe, tal como na estela do Alto das Eiras em que a abertura semicircular é também ornamentada por um motivo em espinha, em baixo-relevo.

A semelhança decorativa entre as estelas do Alto das Eiras, a Briteiros 1 e, possivelmente, a de Calvos, que apenas conhecemos parcialmente, é grande, levando a que o espectador as relacione automaticamente, orientando o seu pensamento para que tenham sido feitas pelo mesmo escultor. A do Alto das Eiras possui um talhe de maior perfeição e associa os elementos decorativos astrais (trísceles) da *pedra formosa* 2 de Briteiros. São peças ímpares, autênticos manuais da decoração arquitectónica castreja passíveis de possibilitarem a construção de um compêndio decorativo aos arqueólogos ou historiadores de arte, com a criação de uma tipologia aplicada a toda a área castreja, da parte final da Idade do Ferro do noroeste peninsular, como fizemos, em estudo nos anos 80, com as peças que então se conheciam (Silva, 1986a).

Em relação aos balneários-sauna com *pedra formosa* da área castreja galega e asturiana, a decoração resume-se a um exemplar do Castro de Armea, gravado com sulcos de difícil interpretação, um deles assemelha-se ao algarismo três e o outro a um ofídio. No cimo da entrada, uma cruz grega, provavelmente posterior.

Como todos os actos humanos, também a elaboração destes ornatos, em pedra granítica, teria diversas finalidades que podemos propor como: gosto pela arte, desejo de tornar belo e/ou como forma de representação de elementos com carácter simbólico-religioso. A representação artística não é um simples formalismo exposto à nossa atenção, mas implica uma função, a qual tem sentido e significado dentro da estrutura em que está integrada (Jordá Cerdá, 1983) e que seria do conhecimento do grupo, dos habitantes dos povoados, mas que actualmente temos dificuldade em compreender. A decoração arquitectónica castreja é uma forma de expressão gráfica de objectos ou seres materiais ou imateriais e é o expoente de todo aquele que pelo seu carácter indizível, inexplicável ou inexpressável pertence à categoria do simbólico.

O artífice-canteiro quando arrancava a pedra aos afloramentos, quando a trabalhava, conformando-a ao tamanho e formato desejado para construir habitações, arruamentos, monumentos balneários-sauna, quando a esculpia e ornamentava, decorando casas, criando belas esculturas, tornava-se no artífice-escultor que transmitia uma mensagem aos seus conterrâneos e também aos que no futuro a estudam, contemplam, como nós.

Os documentados grupos de artistas ambulantes (Almeida, 1981; Silva, 1981-82), escultores das estátuas de guerreiros galaicos dedicavam-se também à construção civil e, naturalmente, à construção de monumentos com forno, formando uma espécie de associações profissionais regionais de artífices (Silva, 1986).

Na Citânia de Briteiros existiram certamente diversos escultores, como provam a infinidade de padieiras, ombreiras e trísceles com variados motivos ornamentais, as duas *pedras formosas*, entre outras peças. Estes escultores, talvez se tenham deslocado ao castro do Alto das Eiras ou em outros.

Todos os motivos utilizados na decoração arquitectónica, nas *pedras formosas* ou nas estátuas de guerreiros galaicos são geométricos. Partem do círculo ou da linha, chegando às mais diversas formas. Como a maioria dos motivos empregues são baseados na linha curva, o compasso seria muito utilizado, e sabe-se que este já existia nomeadamente em Briteiros (Sarmento, 1904), um dos maiores núcleos de ornamentação arquitectónica.

A técnica de gravação utilizada na feitura da gramática decorativa é variada, apresentando-se sob várias formas, com mais ou menos relevo, com maior ou menor profundidade. Possivelmente a decoração arquitectónica existiria previamente em madeira, passando posteriormente, da talha, gravada, ao granito, por incisão. No caso de a técnica ser em profundidade, ou seja, cavada, esta apresenta três tipos de gravação:

arredondada, quando a superfície é côncava; abrupta, quando o fundo forma ângulo recto, com os lados verticais e biselada, ou seja, com lados oblíquos, que se unem em bico.

Estes tipos de técnica de gravação, como já referimos, apenas são possíveis após a utilização sistemática do designado ferro-aço no trabalho da pedra, provavelmente na "última parte do seculo I a.C." (Almeida, 1986: 161).

As diferenças e variações evidenciadas na técnica de gravação, de uns povoados para outros, são fruto mais de um distanciamento geográfico e da diversidade de artífices do que de diferenças cronológicas ou de um fundo cultural diferente.

No domínio da simbologia desta arte decorativa dos balneários-sauna podemos aproximar-nos da carga simbólico-religiosa que teriam apenas através de suposições falíveis, ainda que possíveis: trísceles, círculos e os entrelaçados, nomeadamente o fechado, estariam associados aos símbolos astrais. O fogo presente na combustão, sendo fonte de calor e energia, estaria simbolizado no entrelaçado triangular. Os cordiformes teriam alguma relação com a força, a união. O entrelaçado curvilíneo e outros encadeados de SS ou de círculos, lembrando a ondulação das águas dos rios, do fumo, do vapor de água, do ar. Fogo, sol e água, elementos vitais da vida e do funcionamento destes monumentos. Fogo e água permitem a sauna, o banho, a purificação iniciática e/ou ao longo da vida, e talvez a cura (caso tivessem função medicinal), em suma, a vida renovada, tal como o sol fonte de calor e vida, que renasce sempre.

Em resumo, ainda que a função utilitária dos balneário-sauna fosse a principal, emparceirava com as funções medicinais, de um banho salutar e purificador, de prevenção e cura dos males, que a própria decoração deixa antever, e, por último, com a associada a rituais iniciáticos. "Estos baños son característicos de las poblaciones lusitano-galaicas de la cultura castreña (…) por lo que corresponde a un substrato ideológico y cultural común que representa una de las más antiguas tradiciones de baños de sudor actualmente documentadas. Pero su mayor interés radica en su evidente función ritual, coherente con lo que se va conociendo de la ideología y la sociedad castreña, ya que parece relacionada con ritos de iniciación de cofradías de guerreros características de dichas poblaciones" (Almagro-Gorbea & Moltó, 1992: 96).

Potencialidades Turístico-culturais dos Balneários-sauna

A ruína arqueológica deve ser encarada como um pedaço do nosso passado que, apesar de mal conservado, tem uma informação para nos dar, uma mensagem a transmitir. Contudo, a preservação e exibição *in situ* dos vestígios arqueológicos constitui um dos maiores problemas dos arqueólogos e de todos aqueles que pretendem preservar a memória e a salvaguarda do património, na medida em que estamos a lidar com estruturas em estado avançado de deterioração.

A concepção de um programa de musealização de um sítio arqueológico implica a elaboração de um plano multidisciplinar, mas também interdisciplinar, no qual se articulem os valores patrimoniais existentes, o contexto ambiental, as estruturas de apoio a construir ou a recuperar e o que se pretende que seja visto e interpretado pelo utente cultural, o turista. Esse projecto apenas pode ser elaborado após uma investigação científica capaz, alicerce de todo o trabalho que se irá desenrolar. A interpretação do registo arqueológico pelo arqueólogo vai necessariamente reflectir-se no projecto e na sua execução, tanto mais que este será igualmente responsável pela definição da nova função que as ruínas vão assumir.

Contudo, fazer apenas a valorização do sítio arqueológico não é suficiente, dado que, mesmo existindo uma correcta manutenção do local, todo o trabalho será inútil se o local não for visitado, interpretado, se não chegar ao conhecimento do utente. Assim, no projecto inicial deve ser tido em conta um plano de gestão onde se inclui o plano de manutenção, no qual se deve dar a devida atenção aos diversos espaços e à logística dos mesmos.

A fruição do local pelos diversos públicos é o objectivo essencial. Nesse sentido, a definição do perfil dos públicos é de suma importância pelo que devemos ter em conta o público geral e o público específico (escolar, universitário, terceira idade, as famílias e a comunidade, o turista nacional e internacional) para os quais é necessário estruturar o tipo de visitas previstas (em pequenos grupos com ou sem guia, a visita autónoma) e toda a organização do projecto de valorização e salvaguarda destes monumentos inseridos nos povoados.

Os balneários castrejos que reunimos na Tabela 1 e nos Mapas 1 e 2 são aqueles que consideramos possuírem manifesta potencialidade turístico-cultural (tal como os povoados em que se situam) no âmbito do roteiro que preconizamos apenas no plano teórico dado que para ser colocado em prática necessita de um maior aprofundamento. As entidades que tutelam estes sítios arqueológicos necessitam de desenvolver os seus planos de manutenção e de gestão interna e externa, sobretudo no campo da divulgação e da dinamização. Assim, passaremos a sugerir, no plano teórico, ainda que muitas das ideias e acções propostas já tenham sido colocadas em prática em diversas estações arqueológicas (Silva, 2008; 2015a), devendo ser consideradas como indicadores teóricos que podem ser uma base para o projecto de roteiro sugerido.

O espólio arqueológico que tenha sido recuperado a partir das escavações arqueológicas depois de estudado e de realizadas, caso necessário, intervenções de conservação e restauro, deve ser exposto em centros de interpretação no local ou em museu próximo.

A informação deve ser cuidada nos mais ínfimos pormenores desde o contraste cromático apropriado ou o tamanho da letra, por exemplo, no nome do sítio arqueológico, no horário de visita. Essa informação deve estar disponível numa posição constante, de forma simples e clara e em vários suportes (escrita, visual, táctil).

A sinalética viária deve ser feita através de placas direccionais, em locais previamente definidos, em continuidade e em percursos lineares. Nos povoados, dada a exposição às condições climatéricas, as informações devem ser colocadas em locais previamente estudados em placas explicativas, preferencialmente bilingues. Nos locais de recepção ou outro tipo de estruturas, como os centros de interpretação, devem ser colocados diversos equipamentos facilitadores no campo da multimédia que devem cumprir algumas regras básicas no sentido de a informação contida pata que possa chegar a quem dela necessita. Estes possibilitam, por exemplo, a reconstituição hipotética de volumetrias (reconstituições 3D), reconstituição hipotética de ambientes, entre outros.

As acessibilidades têm que ser bem pensadas e aplicadas conforme as situações, dado que são difíceis de transpor na maioria das estações arqueológicas. Pressupõem elementos tão variados como a clareza na informação dos acessos (sinalética, por ex.), aspectos físicos e arquitetónicos adaptados, diversos níveis de informação, diversas formas de comunicar, aspectos intelectuais e emocionais de cada tipo de público. Assim é necessário inventariar os tipos de barreiras que se podem levantar à comunicação quer

a nível sensorial, quer a nível intelectual, como a nível físico para que grande parte delas seja transposta, uma vez que as acessibilidades totais são utópicas.

O programa de publicação deve ser pensado como um instrumento de divulgação dos conhecimentos produzidos no âmbito da investigação, da gestão e da ampliação da rede de relações com outras instituições culturais e financeiras. A preparação de material promocional, como folhetos e outros prospectos turísticos e catálogos, com carácter educacional e informativo, deve ser elaborada de acordo com a idade e o nível cultural das pessoas a que são destinados. A realização de exposições temáticas; visitas guiadas aos locais; eventuais reconstituições históricas com a colaboração escolar; congressos e outros eventos científicos, entre muitas outras iniciativas, devem ser contempladas no plano de divulgação.

A divulgação/comunicação deve ter em conta diversas técnicas e metodologias utilizando publicações diversas, brochuras (mapas, plantas, itinerários-guia), *website*, redes sociais, posto multimédia, áudio-guias, postais, *posters*, réplicas, *merchandising* diverso, para que se consiga chegar ao grande público. O intercâmbio forte com os postos de turismo e, sobretudo, agências de viagem é também essencial. Para que a rentabilização e a dinamização sejam efectivas todas as actividades devem ser programadas atempadamente, de forma anual e articuladas com a organização de manifestações locais e regionais.

Outros elementos a ter em conta, num projecto um pouco mais ousado em termos financeiros, são as reconstituições paleo-ambientais, a iluminação, protecção do local e a criação dos espaços museológicos monográficos e municipais de forma a articular o espaço arqueológico – inseridos os balneários-sauna - e a sua valorização, tornando estes espaços o mais inteligível possível à comunidade.

A política de conservação, restauro e valorização que alguns destes balneários-sauna tem sido alvo e que referimos na Tabela 1, a necessitar embora de uma melhor manutenção, e divulgação, configuram já um trabalho de base para a criação de um roteiro turístico-cultural ou turístico-arqueológico destes monumentos arqueológicos, percussores do termalismo peninsular.

No espaço português, a sede do roteiro poderia ter lugar no projectado centro interpretativo do balneário do castro do Monte do Alto das Eiras, em Famalicão, estando naturalmente exposta a réplica à escala, construída para a exposição, já em 2007, no Museu Nacional de Arqueologia (Silva, Oliveira & Lobato, 2010-11) e actualmente desmontada em armazém. Uma tão grande obra precisa de ser dignificada bem como todos dos balneários-sauna percursores termalismo da península Ibérica e dos diversos tratamentos de hidroterapia, balneoterapia, hoje tão em voga em diversos roteiros turísticos e medicinais. A réplica cumpriria toda a vertente pedagógica e informativa que este tipo de projectos necessita, sendo o centro de interpretação que a alojaria, devidamente equipado entre outros, com os elementos sugeridos anteriormente. Os visitantes depois de munidos de diversa informação seriam orientados para os povoados castrejos com balneários-sauna localizados na região e indicados nas duas rotas para as quais já fornecemos alguns elementos na Tabela 1 e nos Mapas 1 e 2.

O roteiro sugerido engloba, como ponto de partida, o centro de interpretação dos balneários, cinco castros, uma estação romana e três locais de exposição, constituindo, pelo menos, duas rotas dadas as distâncias a percorrer – a rota 1 cerca de 114Km e a rota 2 cerca de 76km – e que sugerimos nos Mapas 1 e 2. Deveria ser articulado com diversos outros elementos do património turístico-cultural da região, designadamente as eventuais estâncias termais, englobando elementos sobre o parque hoteleiro e a

restauração (gastronomia típica e vinhos) bem como, todos outros elementos necessários, em boa articulação o que seria uma mais-valia para o desenvolvimento e a sustentabilidade turística da região.

Conclusão

Estes balneários-sauna correspondem a uma época de apogeu da cultura castreja, estando também associados a uma nova estruturação de organização do espaço, comprovada pelo novo ordenamento proto urbano, organização em "bairros", arruamentos, imponentes muralhas e, sem dúvida, apogeu da diversidade de expressões artísticas que vai desde a escultura de guerreiros, passando pela proliferação de vasos cerâmicos decorados ou pela ourivesaria.

A arquitectura destes monumentos organizava-se estruturalmente de forma a possibilitar banhos de água fria, no exterior e banhos de tipo sauna, no interior. As duas áreas são divididas pela *pedra formosa* permitia a entrada por uma pequena abertura em semicírculo, a todos aqueles que tivessem essa possibilidade – todos ou apenas alguns? Ainda que com configuração estrutural distintas e de espaço menor temos já nestes balneários-sauna, os três elementos construtivos básicos das termas romanas: *caldarium*, *tepidarium* e *frigidarium*.

A interpretação simbólica da funcionalidade destes balneários-sauna, associada à interpretação simbólico-religiosa dos elementos decorativos e da própria arquitectura dos mesmos leva-nos a tentar compreender a carga sua importância nesta sociedade proto-histórica. Teriam além da função cultural e social, no sentido de que se procurava representar elementos vitais à sobrevivência, uma função mental, espiritual, iniciática, religiosa, através da gestão dos elementos vitais: sol, água, fogo. Um simbolismo fulcral no seu quotidiano que nos consegue impressionar com uma arte que tanto tem de belo e simples como de rude e imponente.

As instituições que gerem os projectos de valorização já realizados pretendem, certamente, de variadas formas, converter estes sítios arqueológicos em pólos de dinamização pedagógica, turística e cultural, integrando-os de forma sustentada no meio, na região. Há que continuar a insistir na melhoria desses projectos e, sobretudo, da sua divulgação e dinamização, pois quando maior for o valor turístico sob o ponto de vista económico, proporcionando emprego e desenvolvimento a partir de actividades geradas, pela salvaguarda e valorização do património, mais importante será para a região onde se enquadram este tipo de sítios arqueológicos, normalmente afastados dos grandes centros.

Referências Bibliográficas

Almagro-Gorbea, M.; & Álvarez Sanchís, J.R. (1993). La "sauna" de Ulaca: saunas y baños iniciáticos en el mundo céltico, *Cuadernos de Arqueología de la Universidad de Navarra*, 1, 177-232.

Almagro-Gorbea, M.; & Moltó L. (1992). Saunas en la Hispania prerromana, *Espacio, Tempo y Forma*, 3 (5), Madrid, 67-102.

Almeida, C.A.F. (1974). O monumento com forno de Sanfins e as escavações de 1973, *III Congresso Nacional de Arqueologia*, 149-172.

Almeida, C.A.F. (1983). *O Castrejo sob o domínio romano. A sua transformação. Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antiga da Galicia*. Compostela.

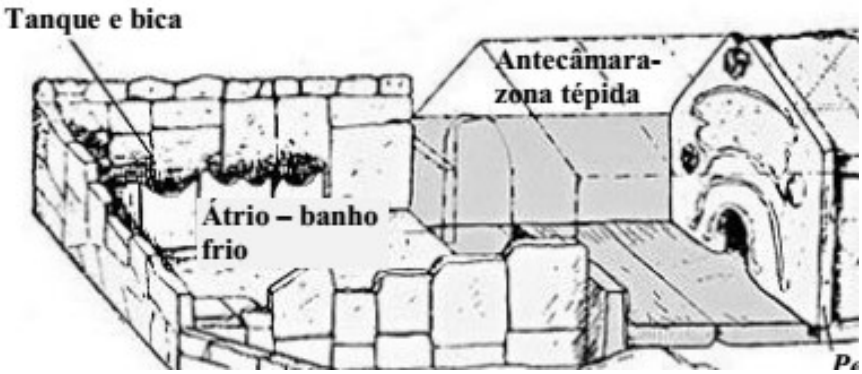
Almeida, C.A.F. (1986). Arte Castreja. A sua lição para os fenómenos de assimilação e resistência *a Romanidade. Arqueologia*, 13, Porto.
Araújo, J. R. (1920). *Perosinho: Apontamentos para a sua monographia*. Porto.
Azevedo, A. (1946). O «Monumento Funerário» da Citânia (Nova interpretação), *Revista de Guimarães,* 56 (1-2), 150-164.
Berrocal Rangel. L.; Martínez Seco, P.; & Ruíz Triviño, C. (2002). *El Castiellu de Llagú*. Madrid.
Bosh Gimpera, P. (1921). *Los Celtas y la civilización celtica en la Península Ibérica. Boletin dc la Sociedad Española de Excursiones*, 29, 248-300.
Cabré, J. (1922). *Una nueva hipotesis acerca de "Pedra Formosa" de la Citania de Sabroso (sic), Sociedad Esp. de Antropologia, Etng. y Prehistoria*,1, 1922, 56-71.
Calo Lourido, F. (1983). Arte, Decoracion, Simbolismo e outros elementos da Cultura material Castrexa, ensaio de síntese. *Estudos de Cultura Castrexa e de História Antiga de Galicia*, Compostela, 159-185.
Calo Lourido, F. (1993). *A cultura castrexa*, Vigo.
Cardozo, M. (1928). *A Pedra Formosa, Revista de Guimarães*, 38, 1-2, 139-152; 39,1-2, 87-102.
Cardozo, M. (1931-1932). A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da «Pedra Formosa», *Revista de Guimarães*, 41 (1-2), 55-60; 41 (3), 201-209; 41 (4), 250-260; 42 (1-2); 1932, 7 -25; 42 (3-4), 127-139).
Cardozo, M. (1934). *A Pedra Formosa da Cit. de Briteiros e a sua interpretação arqueológica, Brotéria*, 18, 3, Lisboa, 30-43.
Cardozo, M. (1946). O «monumento funerário» da Citânia, *Revista de Guimarães*, 56 (3-4), 289-308.
Cardozo, M. (1949). Nova estela funerária do tipo da «Pedra Formosa», *Revista de Guimarães*, 59 (34), 487-516.
Cartailhac, E. (1886). *Ages préhistoriques de 1' Espagne et du Portugal,* Paris, 288-290.
Chamoso Lamas, M. (1955). Santa Mariña de Aguas Santas (Orense), *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 10 (30), Santiago de Compostela, 41-88.
Conde Valvís, F. (1955). Las termas romanas de la «Cibdá» de Armea en Santa Marina de Aguas Santas, III Congreso Arqueologico Nacional. Zaragoza, 432-446.
Craesbeck, F. (1726). *Memorias ressuscitadas da Província de Entre-Douro-e-Minho,* Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, 217 do Núcleo Geral.
Dias, L. A. T. (1997). *Tongóbriga*, Lisboa.
Dinis, A. P. (2002). O balneário do Alto de Quintãs (Póvoa de Lanhoso, Norte de Portugal). Um novo caso a juntar ao livro negro da arqueologia de Entre-Douro-e-Minho, *Mínia*, 3ª Série, 10, Braga, 159-179.
Dechelette, J. (1909). *Essai sur la chronologie de la Péninsule Ibérique,* Revue Archéologique, 13, Paris, 26-36.
Estrabão (1965). *Livro III Da Geografia,* Amphitheatrvm, IX, Porto.
Fernández Fuster, L. (1953). Sobre la interpretación de los monumentos con «pedras formosas», *Archivo Español de Arqueología*, 26 (88), Madrid, 379-384.
García Quintela M. V.; & Santos-Estévez M. (2015). Iron Age saunas of northern Portugal: state of the art and research perspectives. *Oxford Journal of Archaeology*, 34(1), 67–95.
García y Bellido A. (1931). *Las relaciones entre el Arte etrusca y el ibérico, Archivo Español de Arte y Arqueología*, Madrid.

García y Bellido, A. (1968). Las cámaras funerarias de la cultura castreña. *Archivo Español de Arqueología,* 41, 16-44.
Höck, M. (1984). Acerca dos elementos arquitectónicos decorados de castros do noroeste *peninsular, Revista Guimarães*, 94, 389-405.
Hübner, E. (1879). Citania, Archeologia Artística, 1 (5), 19. In "Dispersos", Coimbra, 1933, 445-462.
Jordá Cerdá, F. (1969). *Guía del Castrillón de Coaña*. Salamanca, 8-12.
Jordá Cerdá, F. (1983). (1983). Introducción a los problemas del arte esquemático de la Península Ibérica. *Zephyrvs*, 36, 7-12.
Júnior, J.R.S. (1966). Dois fornos do povo em Trás-os-Montes. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 1-2, 20, 119-146.
Lemos, F.S.; Leite, J.M.F.; Bettencourt, A.M.S.; & Azevedo, M. (2003). O balneário pré-romano de Braga, *Al-madan*, II Série, 12, Almada, 43-46.
Lopez Cuevillas, F., (1953). *La civilización celtica en Galicia,* Seminario de Estudios Gallegos, Compostela.
Lorenzo Fernández, J. (1948). El monumento proto-histórico de Águas Santas y los ritos funerarios de los castros, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 2 (10), Santiago de Compostela, 157-211.
Martin, H. (1881). *La Citania de Briteiros, Revue Archéologique*, 42,160-164.
Martins, M. (1990). *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia, Monografias - 5, Ed. Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
Monteagudo, L. (1952). Monumentos propiedad de la Sociedad Martins Sarmento, *Archivo Español de Arqueología*, 25 (85), Madrid, 112-116.
Moreira, A.B. (2013). O Balneário Castrejo do Monte Padrão, Santo Tirso. *Santo Tirso Arqueológico*. 5, Santo Tirso, 7-36.
Parente, J. (2003). *O Castro de S. Bento (concelho de Vila Real) e o seu ambiente arqueológico*. Vila Real.
Queiroga, F., & Dinis, A. (2008-2009). O Balneário Castrejo do Castro das Eiras. *Portugália*, 39-40, 139-152.
Ramil, G.E. (1995-96). O monumento com forno do Castro dos Prados-Espasante (Ortigueira, A Coruña) Memoria de investigação, *Brigantium*, 9, A Coruña, 13-60.
Ribeiro, F. (1930-34). Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros, *Revista de Guimarães*, 40 (3-4), 171-175; 44 (3-4), 205-208.
Romero Masiá, A. (1976). *El habitat castreño*, Colexio de Arquitectos de Galicia, Santiago de Compostela.
Santa-Olalla, J. (1932), *Las estelas funerarias en forma de casa* en España*, Revista Investigación y Progreso*, 10, Madrid.
Santos, J.N. (1963). *Serpentes geminadas em suástica e figurações* serpentiformes do Castro de Guifões, *Lucerna*, Porto, 120-140.
Sarmento, F.M. (1888). Antigualhas, *Revista de Guimarães,* 5, 150.
Sarmento, F.M. (1881). *Expedição Cientifica a Serra da Estrela, Dispersos*, Coimbra, 1933, 127-152.
Sarmento, F.M. (1899). *A arte micénica no Noroeste de Espanha, Portugália*, 1, Porto, 431-442.
Sarmento, F.M. (1904). *Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães, Revista de Guimarães*, 31.
Silva, J. N. (1876). *Esculptura Romana conhecida pelo nome de Pedra Formosa*

achada em Portugal, e o que ella representa, Boletim Real Associação dos Architectos Civis c Archeologos Portugueses, 9, 2, Lisboa.
Silva, A.C.F. (1981-82). Novos dados sobre a organização social castreja, *Portugália*, Nova Série, 2-3, 83-96.
Silva, A.C.F. (1983). *Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)*. Paços de Ferreira.
Silva, A.C.F. (1983-84). A cultura castreja no Noroeste de Portugal: habitat e cronologias, *Portugalia*, Nova Série, 3-4, Porto, 121-129.
Silva, A.C.F. (1986), *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
Silva, A.C.F., & Maciel, T. (2004). Balneários castrejos do noroeste peninsular. Notícia de um novo monumento do Castro de Roques, *Portugália*, Nova Série, 25, 115-131.
Silva, A.C.F.; Oliveira, J.; & Lobato, R. (2010-11). Balneários Castrejos: Do Primeiro Registo à Arqueologia Experimental *Boletim Cultural Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*, III série, 6/7, 79-87.
Silva, A.C.F., & Ferreira, J. S. (2016). O Balneário Castrejo do Castro de Eiras/Aboim das Choças (Arcos de Valdevez): notícia do achado e ensaio interpretativo". *Al-Madan*. II Série. 20, 27-34.
Silva, M. F. M. (1986a). Subsídios para o estudo da Arte Castreja-Arte Decorativa Arquitectónica. *Revista de Ciências Históricas,* Universidade Portucalense, 1, Porto, 31-68.
Silva, M. F. M. (1987). Subsídios para o estudo da Arte Castreja-Arte Decorativa Arquitectónica. *Revista de Ciências Históricas,* Universidade Portucalense, Porto, 2, 124-147.
Silva, M. F. M. (1994). *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia Superior do Rio Coura: estudo, restauro e divulgação*. Cadernos de Arqueologia e Património - Monografias, 2, Paredes de Coura. 142 p.
Silva, M. F. M. (2008a). A evolução cronológica da cultura castreja e os modelos interpretativos sócio-culturais: ensaio de síntese. *@rqueología y Territorio*. Universidade de Granada, nº 5. 2008. pp. 49-77 http://www.ugr.es/~arqueol/docencia/doctorado/ArqyT/Index.htm
Silva, M. F. M. (2008). Valorização, rentabilização e difusão como culminar do processo de gestão do Património arqueológico: O caso do povoado fortificado de Cossourado, Paredes de Coura. *Praxis ARCHAEOLOGICA* 3, 2008, p. 91-116, ISSN 1646-1983, http://www.aparqueologos.org
Silva, M. F. M. (2014). O ordenamento do território durante a Idade do Ferro do noroeste peninsular - modelos evolutivos e cronologias dos povoados da bacia superior do rio coura. *Anuário do Património - As Boas Práticas de Reabilitação e Conservação,* Grémio do Património (GECORPA)/editora Canto Redondo, Número 2, pp. 192-201.
Silva, M. F. M. (2015a). Valorización de los poblados fortificados de la edad del hierro del noroeste de la península ibérica y el turismo arqueológico. *Conserva, 20,* Centro Nacional de Conservación y Restauración (CNCR) de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos de Chile - Santiago, Chile, pp. 23-41 http://www.cncr.cl/611/articles-57154_archivo_05.pdf
Silva, M. F. M. (2015). *Montes, Pedras e Gente – A ocupação proto-histórica do vale superior do Coura*, Idioteque, Colecção IdioScience, 298 págs.
Tranoy, A. (1981). *La Galice romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule*

Ibérique dans l'Antiquité, Paris.
Urai Ríu, J. (1941). Excavaciones en el Castellón de Coaña, *Revista de la Universidad de Oviedo*, 2, 85-114.
Vasconcelos, J.L. (1913). *Religiões da Lusitânia*, 3, Lisboa.
Villa Valdés, A. (1999). Castro del Chao Samartín (Grandas de Salime), *Excavaciones arqueológicas em Asturias, 1995-1998*, 4, 11-123.
Villa Valdés, A. (2000). Saunas castreñas en Asturias, in Fernández Ochoa-Entero (ed.), Termas romanas en el Occident del Imperio, Gijón, 97-114.
Villa Valdés, Á.; Menéndez Granda, A.; & Fanjul Mosteirin, J.A. (2007). Excavaciones arqueológicas en el poblado fortificado de Os Castros, en Taramundi. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias 1999–2002*, 267–75.
Villa Valdés, Á. (2012). Santuarios urbanos en la Protohistoria cantábrica: algunas consideraciones sobre el significado y función de las saunas castreñas. *Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos,* 177, 65–102.

Figura 1. Esquema constitutivo de um balneário com base no alçado do balneário 2 da Citânia de Briteiros (adaptado de Cardoso, 1930).



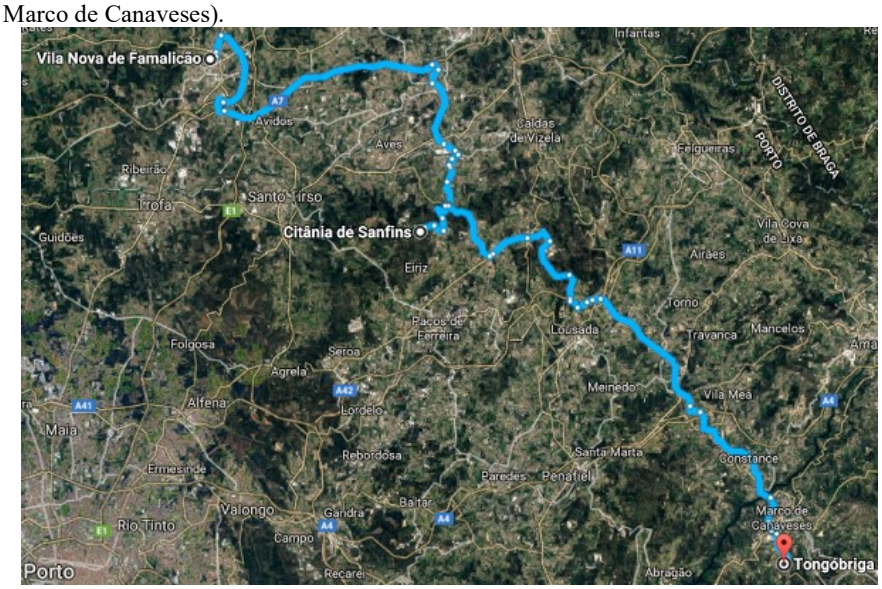
Mapas 1 e 2 – Potencial roteiro dos balneários-sauna castrejos

Rota 1 - Centro de interpretação dos balneários castrejos, Famalicão - Castro do Alto das Eiras – Citânia de Briteiros – Museu da Cultura Castreja - *Pedra Formosa* de Calvos (Casa da Botica, Póvoa de Lanhoso) - Estação de caminhos de ferro de Braga – Castro de Santa Maria de Galegos. Possibilidade ainda a visita ao Museu da sociedade Martins Sarmento, em Guimarães.



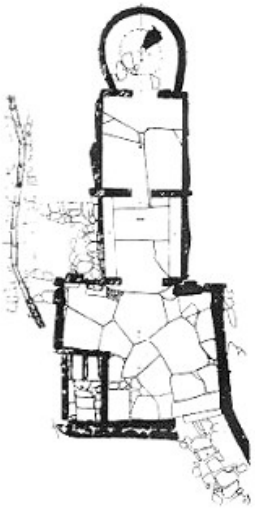
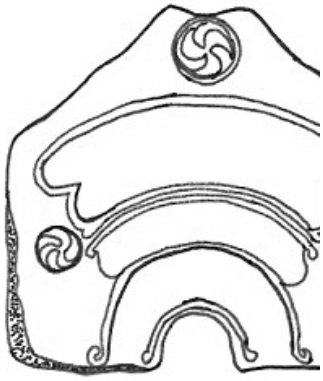
DataSIO, NOAA, U.S.Navy, NGA, GEBCO,Landsat/Copernicus, Dados do mapa©2017Google.

Rota 2 – Centro de interpretação dos balneários castrejos, Famalicão – Citânia de Sanfins - Tongóbriga (Freixo, Marco de Canaveses).

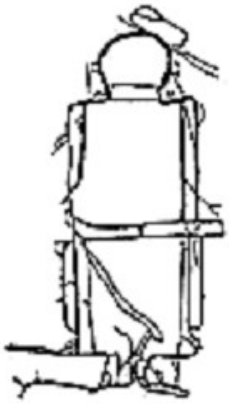
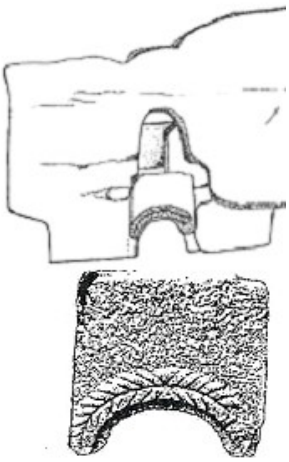
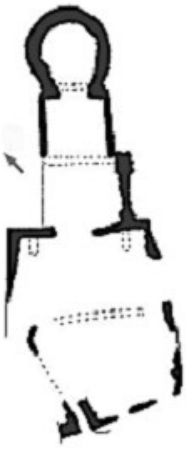
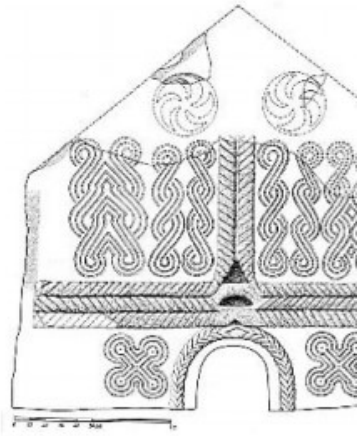


DataSIO, NOAA, U.S.Navy, NGA, GEBCO,Landsat/Copernicus,Dados do mapa©2017Google, Inst.Geogr.Nacional.

Tabela 1. Balneários-sauna e *pedras formosas* visitáveis na área portuguesa[2].

DESIGNAÇÃO e PROVENIÊNCIA	PLANTA SIMPLIFICADA	*PEDRAS FORMOS*
***PEDRA FORMOSA* 1 DA CITÂNIA DE BRITEIROS** Proveniente da Citânia de Briteiros, monte de São Romão, freguesia de Salvador de Briteiros, Guimarães.	Desconhecida.	
BALNEÁRIO DA CITÂNIA DE BRITEIROS 2 Citânia de Briteiros, monte de São Romão, freguesia de Salvador de Briteiros, Guimarães. 		   Gravuras existentes no reverso *formosa*.
BALNEÁRIO DO CASTRO DE GALEGOS Santa Maria de Galegos, Barcelos.		

[2] A diversidade de escalas e de orientação geográfica impossibilita, num quadro com tanta informação, a inserção deste tipo de informação. Igualmente dificulta a inserção da fonte de cada imagem pelo que podemos referir, que algumas são de nossa autoria e, outras, de autores citados ao longo do texto.

BALNEÁRIO CASTREJO DO FREIXO Estação Romana do Freixo, Tongobriga, Marco de Canaveses. 		
BALNEÁRIO DO CASTRO DAS EIRAS Castro das Eiras, Alto das Eiras, na confluência das freguesias de Joane, Pousada de Saramagos, Telhado e Vermoim, Vila Nova de Famalicão		
 Réplica à escala e Maqueta virtual do Centro Inter		
Provavelmente proveniente do balneário do Castro das Eiras, Vila Nova de		